

Lula é eleito presidente



Depois de cumprimentar simpatizantes após a divulgação do resultado oficial, o presidente eleito discursou em nome da pacificação do país: "É hora de baixar as armas que jamais deveriam ter sido empunhadas"

Lula vence a eleição mais apertada

Eleições 2022

Maria Cristina Fernandes
De São Paulo

Aos 77 anos, Luiz Inácio Lula da Silva foi eleito presidente da República pela terceira vez no resultado mais apertado da história. Com 99,9% dos votos apurados, o ex-presidente teve 50,9% dos votos, enquanto o presidente Jair Bolsonaro, alcançou 49,1%. A diferença entre eles, que foi de 6 milhões no primeiro turno, reduziu-se para 2,1 milhões de votos no segundo.

É a primeira vez que um presidente perde uma disputa pela reeleição a despeito de um uso da máquina igualmente inédito na história. É a primeira vez também que um político se elege para um terceiro mandato no país. Nunca, numa eleição presidencial, a abstenção havia caído do primeiro para o segundo turno. Finalmente, é também a primeira vez que um presidente se elege depois de ter vencido em uma única região no país, o Nordeste.

Em seu primeiro discurso como presidente eleito, Lula reconheceu a necessidade de pacificar o país tão radicalmente dividido. Disse não ter sido uma vitória do PT, mas da democracia. "Não existem dois brasis, mas um único país, uma grande nação", disse, antes de completar: "É hora de baixar as armas que jamais deveriam ter sido empunhadas".

Com a votação no Nordeste (69,3% x 30,8%), Lula foi capaz de compensar a desvantagem em todas as demais regiões em que perdeu. No Nordeste, colocou uma vantagem de 12,5 milhões de votos, mais do que suficiente para superar a desvantagem de 10,4 milhões de votos nas demais regiões. Em três Estados da região (Piauí, Bahia e Maranhão) Lula teve mais de 70% dos votos.

O ministro Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), tinha razão em não superestimar os bloqueios de ontem nas estradas do Nordeste: A percepção do ministro de que as ações se deram para provocar uma anulação da eleição se confirmou. Assim como o

presidente do TSE previu, a ação da Polícia Rodoviária Federal (PRF) não foi capaz de aumentar a abstenção na região. Assim como no resto do Brasil, a abstenção no Nordeste também diminuiu. No país, a abstenção caiu de 20,9% para 20,5%. No Nordeste, foi de 19,5% para 19,2%.

Apesar de ter ganho mais de 500 mil votos em Minas Gerais, Bolsonaro não foi capaz de virar a disputa. Naquele Estado perdeu a eleição por menos de 50 mil votos. Minas e Amazonas mantiveram a tradição, que vem desde a redemocratização, de reproduzir o resultado nacional.

A terceira eleição de Lula se deu por uma margem ainda mais estreita do que aquela de 2014. Naquele ano, Dilma Rousseff teve 51,6% e Aécio Neves, 48,3%. Foi uma vantagem de 3,5 milhões, bem superior à atual mas insuficiente para evitar a contestação do resultado eleitoral.

Em seu primeiro pronunciamento depois da eleição, depois de ter telefonado para os dois finalistas, Alexandre de Moraes minimizou os riscos de contestação do resultado eleitoral: "Compete aos vencedores unir o país".

O primeiro aliado do presidente Jair Bolsonaro a reconhecer a derrota foi o presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira. "A vontade da maioria manifestada nas urnas jamais deverá ser contestada". Além de um pronunciamento público, Lira também ligou para Lula para parabenizá-lo pela eleição. Até o fechamento desta edição, o presidente Jair Bolsonaro não havia se manifestado. Os gestos mais radicalizados de contestação partiram dos caminhoneiros que fecharam trechos da BR-163 no norte do Mato Grosso.

Aliados arraigados do atual presidente, como os ex-ministros e deputados federais eleitos, Ricardo Salles e Sérgio Moro, usaram, em rede social, um tom conciliatório. "O resultado da eleição mais polêmico da história do Brasil traz muitas reflexões e a necessidade de buscar caminhos de pacificação de um país literalmente dividido ao meio", disse Salles. "Vamos trabalhar pela união dos que querem o bem do país", disse Moro.

O rápido reconhecimento da

- Vitória foi garantida com vantagem de 12,5 milhões de votos do NE
- Alexandre de Moraes minimiza risco de contestação do resultado
- Líderes internacionais reconhecem resultado da votação rapidamente
- São Paulo passa a ser um reduto bolsonarista com eleição de Tarcísio

vitória de Lula na comunidade internacional, com pronunciamentos de Joe Biden (EUA), Emmanuel Macron (França), Pedro Sánchez (Espanha), António Costa (Portugal), Justin Trudeau (Canadá) e Alberto Fernández (Argentina) também visou a reforçar um cinturão de segurança contra contestações ao resultado eleitoral.

Com a vitória de Tarcísio Freitas, o bolsonarismo ganha um reduto de resistência no mais rico Estado do país. O ex-ministro elogiou o presidente ao discursar como governador eleito — "ele fez o melhor possível" — mas deixou claro que já virou a página: "A partir de agora vamos olhar para frente". Colabora para uma postura de mais moderação a presença do presidente do PSD, Gilberto Kassab, na campanha. O PSD almeja a manutenção da presidência do Senado, com a reeleição do senador Rodrigo Pacheco. "Lula encontrará no Congresso uma Casa pronta, sempre com independência, mas também colaboração", disse Pacheco no domingo depois do resultado.

Além de Tarcísio Freitas, aliados do presidente elegeram-se em cinco dos 12 Estados em disputa neste domingo. Elegeram-se ainda Wilson Lima (AM), Marcos Rocha (União), Jorginho Melo (SC) e Fabio Mitidieri (SE). Lula elegeu Jerônimo Rodrigues (BA), João Azevêdo (PB) e Paulo Dantas (AL). Renato Casagrande (ES), apesar de pertencer a um partido aliado, o PSB, não fez campanha ao lado do presidente eleito. Eduardo Leite (RS) e Raquel Lyra (PE) e Eduardo Riedel (MS) tampouco se definiram na disputa nacional.

No mapa dos 27 governadores eleitos, o PT governa quatro Estados, o mesmo número de unidades da federação do União Brasil. MDB, PSDB e PSB governarão, cada um, três Estados. PP, PL, PSD e Republicanos, dois. Novo e Solidariedade governarão um Estado cada. O maior desafio do presidente eleito será a composição do Congresso Nacional. Em ambas as casas, o partido do presidente derrotado, o PL, é a maior bancada. Os partidos da coligação obtiveram, somados, aqueles que se juntaram a Lula apenas no se-

gundo turno, como o PDT e Cidadania, apenas 150 das 513 cadeiras da Câmara dos Deputados. Com o MDB se somariam 42 cadeiras na Câmara, mas Lula terá que recompor relações com o ex-presidente Michel Temer, a quem chamou de golpista no último debate da Rede Globo.

Quem despoja como a liderança de maior prestígio no partido junto a Lula é a senadora Simone Tebet. Foi a primeira pessoa a ser citada no discurso de Lula como presidente eleito. El adquiriu, no segundo turno, uma capacidade de ampliar a base de apoio de Lula ainda superior àquela do vice da chapa, Geraldo Alckmin. Junto com a deputada federal eleita, Marina Silva (Rede-SP), outra a receber menção de destaque de Lula, Simone Tebet já receberá sinalização de Lula de que estarão no eixo da transição.

A partir desta segunda-feira terá início a transição mais difícil da história. Não apenas pelo grau de animosidade entre as duas campanhas mas também pelo acúmulo de infrações à legislação eleitoral e à Constituição dos governistas. Contribuiu ainda para dificultar a transição a determinação dos parlamentares em manter as emendas de regulação eleitoral e a Constituição do Congresso. O Congresso deteve um poder inédito em referir no Orçamento. O tema está no Supremo Tribunal Federal sob a relatoria da presidente a ministra Rosa Weber. A expectativa na Corte é de que, passada a eleição, o Supremo possa deliberar sobre o tema, num acordo que venha a reunir o presidente eleito e as lideranças das duas Casas do Congresso.

No esforço de pacificação nacional, as Forças Armadas receberam um aceno do presidente eleito em seu primeiro discurso: "A normalidade democrática é tão consagrada na Constituição, ela quem estabelece os direitos e obrigações de cada poder, de cada instituição, das Forças Armadas e de cada um de nós".

No fim da noite, no palanque da avenida Paulista, Lula disse que esta foi a campanha mais difícil de sua vida. "Derrotamos o autoritarismo e o fascismo. A democracia e a liberdade estão de volta ao país", disse.



Celebração na avenida Paulista da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 3